

IV Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición

Iniciativas editoriais feministas em solo brasileiro: breves apontamentos¹

Maria do Rosário A. Pereira²

Centro Federal Tecnológico de Minas Gerais

Brasil

mariadorosario58@gmail.com

Bruna Maia Duarte³

Centro Federal Tecnológico de Minas Gerais

Brasil

bruna.mduarte01@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é tecer algumas considerações sobre iniciativas editoriais em solo brasileiro de caráter nitidamente feminista: Quintal Edições, Editora Luas, Padê Editorial e Macabéa Edições. As quatro casas editoriais foram fundadas por mulheres e apresentam um catálogo empenhado em divulgar obras produzidas por mulheres, sejam elas na área da literatura, da história, das ciências sociais ou outras áreas afins. Destaque-se que, dentre as quatro, três encontram-se fora do eixo editorial brasileiro, o qual se concentra nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo – Quintal e Luas foram fundadas em Belo Horizonte, ao passo que a Padê nasceu em Brasília; somente a Macabéa localiza-se no Rio de Janeiro. Isso aponta para o surgimento de um número significativo de editoras “ex-cêntricas”, o que dá mostras da vitalidade do mercado editorial, sobretudo o independente, no Brasil. Para além da preocupação em dar visibilidade à autoria feminina, destaque-se que estas editoras contribuem para a bibliodiversidade no mercado editorial nacional, ao publicarem obras que não são acolhidas pelo mercado hegemônico ou que há muito não são editadas – é o caso de obras de escritoras do século 19, por exemplo. Assim, vê-se o que Simó-Comas (2019) nomeia de “práxis feminista”, isto é, há um projeto editorial político e ideológico que circunda o trabalho dessas editoras e que possibilita ações conscientes na confecção de catálogos que expressam a emergência de múltiplas vozes no cenário editorial brasileiro. Isso permite ressignificar a história da edição brasileira, agregando-lhe um novo capítulo.

Palavras-chave: projetos editoriais feministas; Padê Editorial; Quintal Edições; Editora Luas; Macabéa Editora.

¹ Este artigo foi produzido a partir de duas pesquisas realizadas anteriormente. A primeira, já publicada, trata-se do artigo intitulado “Padê Editorial e Nega Lilu: representatividade feminina no mercado editorial independente” (Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 62, 2021), de autoria de Maria do Rosário A. Pereira e Samara Coutinho. Quanto à segunda pesquisa, aqui expõem-se, sinteticamente, dados coletados e apresentados na Monografia de conclusão de curso (TCC) de Bruna Maia Duarte, defendida em setembro de 2021, no CEFET-MG, intitulada “Por mulheres, para mulheres: atuação das editoras Luas, Quintal e Macabéa no mercado editorial”. Orientação: Maria do Rosário A. Pereira.

² Professora CEFET-MG; doutora em Literatura Brasileira – Estudos Literários (UFMG).

³ Graduada em Letras – Bacharelado em Tecnologias da Edição pelo CEFET-MG.

A história das mulheres editoras no Brasil permanece praticamente no ostracismo. Muito se conhece, por meio de manuais sobre a história da editoração brasileira,⁴ sobre os homens que atuaram como editores ou mesmo idealizaram casas editoriais. Nomes masculinos, como os de Monteiro Lobato, José Olympio, Jorge Zahar, são familiares àqueles que se propõem a conhecer a história da edição no Brasil. No entanto, a participação feminina é pouco mencionada, o que passa a falsa impressão de que as mulheres simplesmente não se dedicaram às questões editoriais, ao menos não como editoras propriamente ditas ou ocupando cargos de maior prestígio e responsabilidade nas casas editoriais.⁵ Quando observamos de mais de perto, no entanto, percebemos que houve sim uma atuação feminina relevante nessa área, a qual carece de investigação acurada.⁶

Essa história não contada da participação feminina na edição é apenas uma das inúmeras facetas acerca da estrutura patriarcal que prevalece em diversas áreas do conhecimento. Na história, na literatura, na ciência enfim, o lugar relegado à mulher é sempre um lugar subalterno, uma vez que o masculino é o universal. Além disso, as mulheres só participaram ativamente da cultura letrada de meados do século XX pra cá, quando as relações sociais modificaram-se a tal ponto que a participação feminina no mercado de trabalho, por exemplo, passou a ser uma constante, e não mais uma exceção. O mais curioso, no entanto, é que a participação feminina na vida letrada inicia-se justamente na edição – sim, na edição de periódicos, quando as poucas mulheres letradas no território brasileiro se detêm sobre o trabalho de curadoria de textos que reivindicavam direitos para as mulheres, e muitas debruçavam-se sobre a

⁴ O próprio campo da edição é um campo do conhecimento que, apesar de crescer com o passar dos anos, também carece de mais estudos e reflexões aprofundadas: “(...) as contribuições para este campo provêm da confluência e colaboração de diversas disciplinas de ciências sociais e humanidades; em grande parte, por meio de debates – que foram observados como uma ‘metaprática especulativa’ (Bhaskar, 2014) – dedicados a examinar o movimento do setor empresarial ou produtivo do livro, uma tarefa descritiva do epifenômeno que é próprio de toda disciplina em seu início, e que já vislumbra a possibilidade de uma perspectiva epistemológica própria.” (GÓMEZ, 2019, p. 40. Tradução minha)

⁵ Ana Elisa Ribeiro e Sérgio Karam destacam a rápida citação feita a Zahidé Muzart e à Editora Mulheres na obra de Laurence Hallewell, obra esta que é referência àqueles que se dedicam à história da edição: “Na edição de 2005 (revista e ampliada, com mais de 800 páginas), *O livro no Brasil* dedica cinco linhas à editora catarinense [e ainda] com equívocos nos nomes (...)” (RIBEIRO; KARAM, 2020, p. 2)

⁶ Ribeiro e Karam questionam o uso do termo “apagamento” no que se refere à história das mulheres editoras, “uma vez que *apagar* sucede alguma forma de existência”. Denominam tais editoras, então, como “editoras inenarradas”, “já que não têm sido descritas ou narradas, embora o possam e devam ser”. (RIBEIRO; KARAM, 2020, p. 4)

própria escrita desses mesmos textos. É assim que tanto a literatura de autoria feminina quanto a atuação das mulheres como editoras nascem praticamente juntas em solo brasileiro, nas primeiras décadas do século XIX.

Uma grande revolução que se dá a partir do momento em que as mulheres passam a publicar e, mais ainda, a comandar jornais diz respeito à ocupação do espaço público. Isso acarreta uma enorme alteração nos valores sociais, uma vez que, historicamente, papéis desempenhados pelas mulheres na esfera privada eram bem-vistos, aconselhados, referendados por instituições – todos ligados à ideia da domesticidade. A partir do momento em que a mulher adentra o espaço público, até então de domínio masculino, tem-se um *desvio* de comportamento, como assevera Flávia Biroli em “O público e o privado” (2014). Assim, mulheres à frente de empreendimentos comerciais como uma editora, por exemplo, ainda é uma situação encarada por muitos como antinatural, ainda que tal pensamento seja por vezes escamoteado ou mesmo de caráter inconsciente.

No que se refere ao campo da edição propriamente dito, nele há uma espécie de interseção entre diversas áreas do conhecimento, como história, sociologia, economia e ciências da informação e da comunicação, conforme apontado por Sophie Noël em *La edición independiente crítica: compromisos políticos e intelectuales* (2018, p. 15). Isso implica que o campo da edição encontra-se em uma “posição estratégica”, a saber, mobiliza uma série de saberes da ordem do intelectual, do político, do cultural. Ressalte-se que tomamos como referência para a noção de “campo” o que é preconizado por Pierre Bourdieu em *A produção da crença* (2001), ao apontar que campo diz respeito a um espaço no qual agentes e instituições buscam alcançar determinadas posições de prestígio a partir de suas relações e das disputas que ali se engendram. O prestígio galgado permite, principalmente por meio do acúmulo de capital simbólico, legitimar certas representações como válidas – tal ato é chamado pelo sociólogo de “poder de consagração”.

É válido ressaltar que o campo editorial, apesar de ser “relativamente dependente, em especial ao campo econômico e ao campo político” (Bourdieu, 2005, p. 162), possui suas próprias “regras do jogo”, com uma lógica particular norteadora das condutas dos agentes que o compõem. Jonh B. Thompson, em *Mercadores de cultura* (2013), afirma que dentro do mundo editorial há “uma pluralidade de campos, cada qual

com suas características distintas” (p. 10), e em cada um deles há uma complexa rede de poder e interdependência que se estrutura em torno dos capitais acumulados.⁷ No que se refere a projetos feministas no campo editorial, neste trabalho vamos nos deter, ainda que de modo panorâmico, no trabalho de quatro casas, a saber: Padê Editorial; Quintal Edições; Editora Luas e Macabéa Editora.

Padê Editorial

Tatiana Nascimento dos Santos e Bárbara Esmenia fundaram, em 2015, a Padê Editorial, editora esta que cumpre uma importante função ao trazer à baila livros de temática lésbica escritos por mulheres lésbicas – e também bissexuais, transsexuais e transgêneros –, em sua maioria negras.⁸ Na página de créditos de seus livros, lê-se: “padê editorial é um coletivo editorial artesanal que publica autoras negras y/ou lgbtqi+, fundado por tatiana nascimento y Bárbara Esmenia, em Brasília/DF.”

O uso reiterado de minúsculas em nomes próprios indica uma clara conotação política por parte da editora, cujo projeto insere-se na perspectiva de desconstrução de um cânone literário e de um mercado editorial extremamente concentrado no Brasil. Tal concentração é perceptível em pesquisas como a de Regina Dalcastagnè em *Literatura brasileira: um território contestado* (2013). De acordo com a professora e pesquisadora, como o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo que nos cerca, ou seja, o poder de falar com legitimidade, a emergência de vozes até então abafadas historicamente, “não autorizadas”, gera um desconforto em um campo literário ainda extremamente homogêneo como o campo brasileiro. Após extensa pesquisa envolvendo docentes e discentes da Universidade de Brasília, chegou-se à conclusão de que quase 73% dos autores que publicaram romances de 1990 a 2004, pelas principais editoras brasileiras, eram homens; quase 94%, brancos; e mais de 60%, residentes no eixo Rio de Janeiro-São Paulo (2012, p. 8).

⁷ O uso do termo “capitais”, frequente na obra de Pierre Bourdieu, foi tomado de empréstimo à Economia e refere-se aos recursos que um indivíduo ou uma corporação possuem no campo social. Thompson se apropria de tais termos e subdivide-os em capital econômico, humano, social, intelectual e simbólico, visando à aplicação no estudo do mercado editorial. Cf. Thompson, 2013, p. 11.

⁸ De acordo com o site da editora, “75% dxs autorxs se autodeclaram negrxs”. Disponível em: <padê.lgb/escrevivencias>. Acesso em: 16 mar. 2020.

Sendo assim, uma proposta editorial como a da Padê aponta para uma tripla representatividade e uma tripla transgressão nesse sentido:⁹ marca-se uma posição no que se refere ao “lugar de fala”, isto é, são ouvidas as vozes historicamente silenciadas de mulheres, em primeiro lugar; em segundo, trata-se de mulheres que estão fora da heteronormatividade, pois, sendo lésbicas, os papéis tradicionais de “mãe” e “esposa” não mais lhes são impostos; e, finalmente, transgridem-se as normas vigentes com um terceiro elemento, o racial. Isso porque as mulheres negras ocupam um “espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da ‘raça’ e do gênero” (Mirza, 1997, *apud* Kilomba, 2019, p. 97), uma vez que as mulheres negras enfrentam preconceitos e situações de exclusão e violência ainda maiores que as das mulheres brancas e que se distinguem das vivências do homem negro.¹⁰

Assim, os livros editados pela Padê criam “geografias desviantes”, em expressão de Natália Borges Polesso (2018, p. 3), pois se questionam ao mesmo tempo modelos estabelecidos de representação – uma vez que a produção literária das mulheres lésbicas apresenta personagens distantes das representações femininas estereotipadas e consagradas na literatura *tout court* –, bem como de autoria, já que também as autoras lésbicas negras (que colocam tanto a experiência lésbica como a negra em seus textos) têm pouca evidência no mercado editorial.

Destacamos também o fato de as publicações apresentarem caráter artesanal, sendo produzidas dentro da proposta das *cartoneras*, tipo de publicação de baixo custo que utiliza papelão na capa, sendo que cada capa pode ser customizada de uma maneira própria, tornando a obra quase exclusiva – ainda que, diferentemente de muitas editoras cartoneras, a Padê tenha optado por manter sempre a mesma capa para o mesmo livro, provavelmente com o intuito de conferir uma identidade visual maior às obras, reiterando a proposta de “coleção”. Na Padê, há uma coleção a qual exclusivamente se utiliza desse formato de cartonera, resultado do #ProjetoEscrevivências, cujas publicações foram editadas de julho de 2018 a julho de 2019: a “cole-sã

⁹ O “triplo fardo”, conforme Westwood, 1984, *apud* Kilomba, 2019, p. 98.

¹⁰ “Mulheres negras têm sido, portanto, incluídas em diversos discursos que mal interpretam nossa própria realidade: um debate sobre racismo no qual o sujeito é o homem negro; um discurso genderizado no qual o sujeito é a mulher branca; e um discurso de classe no qual ‘raça’ não tem nem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico dentro da teoria.” (Kilomba, 2019, p. 97)

escrevivências”, que deixa claro, em suas publicações, o objetivo político dessa casa publicadora.

Tal perspectiva insere-se no que o feminismo vem chamando de “feminismo decolonial”, o qual aponta para uma “hierarquia dicotômica entre seres humanos e não humanos” como a “dicotomia central da modernidade colonial”, nas palavras de María Lugones em “Rumo a um feminismo decolonial” (2019, p. 358). O humano seria, sobretudo, o homem “europeu, burguês, (...) heterossexual, cristão, um ser da mente e da razão”, ao passo que o não humano seria aquele ligado ao bestial, o negro colonizado, enfim. Sendo “menos que humano”, o que resta ao negro e, especificamente, à mulher negra? Para Lugones, “decolonizar os gêneros é necessariamente uma práxis” (2019, p. 363), ou seja, é necessária a ação. É assim que um coletivo editorial que traga à luz publicações de mulheres negras e lésbicas fratura o sistema, mostrando: i) a mobilização de todo um coletivo como prática de resistência, ou formas de “resistência em ação”, nas palavras de Noël (2018, p. 9); ii) a importância de tais práticas em um movimento maior de visibilidade, ainda que, conforme destaca Dalcastagnè (2013), práticas e espaços não sejam valorados da mesma forma, o que significa dizer que uma editora independente como a Padê não tenha obviamente o alcance de uma grande editora. Ainda assim, é necessário que se busquem estratégias para publicar e chegar até os leitores, pois só assim a edição constitui-se como tarefa efetiva de resistência.

O fomento à bibliodiversidade, na busca por uma proposta editorial que abarque a diversidade de experiências de mulheres que se reconhecem como negras e se assumem como lésbicas, fica claro ainda pelo fato de a cole-sã *escrevivências* ter licença “creative commons”, isto é, o material pode ser compartilhado em qualquer suporte ou formato, desde que seja atribuída sua autoria e desde que o material não tenha uso lucrativo. Destaque-se ainda que os títulos da cole-sã podem ser encontrados para download gratuito no portal www.literatura.lgbt.

No que se refere à produção propriamente dita, um dos maiores gargalos para editoras pequenas está na questão do financiamento e da distribuição. Nota-se que a Padê se sustenta, ao menos em parte, por financiamento via editais públicos. Há também a participação em feiras, e a ideia de ser uma espécie de “editora-feirante” reitera a importância das redes de sociabilidade entre os pequenos produtores culturais,

nos mais diversos segmentos, uma vez que isso pode impulsionar o setor como um todo. A presença dessas editoras em feiras é uma itinerância que acarreta efeitos em longo prazo, porque

interfere sobre as representações que os outros agentes têm desse empreendimento e dos diversos empreendimentos uns com relação aos outros. Além disso, esses eventos caracterizam-se por dar espaço à circulação das pessoas, dos objetos e dos capitais que são acumulados, negociados e convertidos em cada um dos territórios simbólicos a que fazem referência. (Muniz Jr., 2016, p. 188)

É assim que os editores vão se conhecendo e estabelecendo contatos, fazendo parcerias e constituindo apoios que permitem uma ampliação do alcance de cada pequeno editor, inclusive no exterior.

É possível notar, ainda, uma relação entre o surgimento da Padê e outros movimentos culturais à margem da cena principal, como os slams, o que se pode depreender das palavras de Tatiana Nascimento:

eu y bárbara somos poetar, artista da palavra falada; ela tinha vindo, a meu convite, participar de uma edição do slam das minas DF – que foi a primeira batalha de poesia exclusiva pra mulheres y lésbicas no brasil, idealizada por mim, cofundada por mim e val matos, uma outra ativista negra sapatão aqui do df. mesmo sem nos conhecermos bem, eu y bárbara fizemos esse combinado de montar uma editora “do jeito desse livro”, só que pra publicar exclusivamente autoras negras y/ou pessoas lgbtqi, começando por nós mesmas. começamos a pensar nossos livros, cada qual em sua cidade, y a convidar autoras que gostaríamos de publicar. assim a padê foi gestada. y foi parida quando, em janeiro de 2016, bárbara comprou uma impressora pra imprimir o primeiro livro dela, {penetra-fresta}. como pra mim era muito importante que a editora que foi sonhada no df tivesse raízes produtivas também centro-oestinas, lancei concomitantemente o livro “esboço”, em fevereiro de 2016, com poemas meus que estariam quase todos no “lundu,”. foi uma tiragem pequena, de 35 exemplares (porque era ano de meu aniversário de 35), mas da qual a venda me permitiu juntar dinheiro pra publicar “lundu,”, que saiu em março de 2016. (Nascimento, 2018, p. 50)

Várias informações importantes aqui aparecem: i) muitas editoras pequenas começam seus trabalhos dentro da perspectiva da autopublicação – como não encontram chancela no mercado, autores montam sua própria editora; ii) a perspectiva do descentramento, no que se refere ao espaço geográfico – a vontade de contemplar uma região pouco visível editorialmente, o Centro-Oeste. Ambas poetar e participantes de slams, as fundadoras da Padê aliaram um interesse pessoal a um projeto coletivo.

Nessa empreitada, há que se considerar o próprio catálogo da editora como um instrumento criativo, muito bem pensado e concebido para contemplar tipos de obras

distintas, que podem interessar tanto a um leitor comum quanto a um leitor mais especializado. O catálogo da Padê divide-se em três coleções: cole-sã Odojá – dedicada à poesia e a Iemanjá, com 13 títulos; cole-sã Odara, uma obra – dedicada a temas em teatro; e cole-sã escrevivências, com 45 títulos publicados (dados de 2019 extraídos tanto do site da editora quanto de seu catálogo físico, distribuído em feiras de livros independentes), que perpassam diversos gêneros textuais, desde poesia (com ênfase em escritoras estreadas) até ensaios. Outro aspecto significativo é esse caráter da autoria: em geral, são autoras desconhecidas do público, as quais, geralmente, publicam uma obra pela primeira vez e que não têm suas demandas literárias contempladas pelo circuito das grandes editoras, o que reforça a ideia de bibliodiversidade mencionada anteriormente.

EDITORA LUAS

A Editora Luas foi fundada por Cecília Castro, em Belo Horizonte. Graduada em Letras, a partir de 2015, iniciou as etapas de criação da editora; para isso, especializou-se de diversas maneiras: estágio voluntário na Editora UFMG; cursos EAD de revisão e preparação de livro; e curso EAD de formação de editor, de São Paulo. Junto a essas qualificações, Cecília procurou conversar com editoras e editores, a fim de se instruir melhor a respeito do funcionamento de uma editora e, assim, preparar a fundação da sua.

O interesse pelo universo feminista já fazia parte dos pensamentos de Cecília antes da criação da Editora Luas, em 2019, na cidade de Belo Horizonte, tornando-se fonte de motivação para constituir uma editora com ideais ligados ao universo das mulheres. Em entrevista concedida para o desenvolvimento desta pesquisa, ela afirmou:

A vontade de abrir mesmo uma editora surgiu em 2015 – lembro-me de falar sobre isso com uma amiga jornalista na marcha de 8M em BH - num contexto de grande movimentação de produção artística e intelectual das mulheres, formação de coletivos para divulgar as produções femininas e uma consciência nossa de que havia algo errado na pouca quantidade de livros escritos por mulheres em nossas bibliotecas e na discrepância, de modo geral, na maior presença de homens do que mulheres no mundo dos livros, da música, etc. Surgiu aí, por exemplo, o movimento Leia Mulheres, e, até então, eu não sabia de nenhuma editora no Brasil que se voltava exclusivamente para a produção de livros de mulheres – depois fui saber da

Quintal Edições, que, aliás, foi e ainda é muito inspiradora para mim (CASTRO, 2021).

No processo de “gestação” da Luas – como Cecília mesmo diz –, ela precisou estudar sobre assuntos necessários como administração, contabilidade, leis, contratos e direitos autorais. Diante disso, sua irmã Daniella, artista plástica e também formada em Administração, passou a fornecer auxílio nessas áreas. Vemos aqui que sua trajetória profissional e pessoal gerou influências no seu trabalho como editora e diretora da Luas. Ou seja: seu interesse inicial por livros caminhou para a vontade de conhecer o processo deles mais de perto por meios acadêmicos e laborais, se especializando em atividades editoriais, e, ao mesmo tempo, o engajamento em assuntos feministas atrelou-se bem a suas realizações profissionais. Dessa forma, para a criação de sua editora, Cecília uniu o acúmulo de capital social das experiências profissionais prévias à vontade de fazer parte da luta das mulheres por seu reconhecimento e espaço como produtoras e disseminadoras de ideias e literatura. Como Muniz (2015) afirma em seu artigo *Retrato do editor quando jovem*, é em casos de editoras construídas com “formação de um catálogo próprio que [se] permite entrever a constituição de um projeto intelectual singular” (MUNIZ, 2015, p. 8).

Em 2019, o primeiro livro foi lançado: *Todas as primaveras em mim*, escrito pela poeta e musicista Deh Mussulini. A obra contém poemas relacionados ao universo feminino, além de ilustrações encantadoras inspiradas nesses mesmos poemas, produzidas pela artista visual e ilustradora Karla Ruas. Neste momento, a Editora Luas possui nove livros publicados e tem atuado a partir de três eixos principais, com temáticas relacionadas às mulheres: literatura contemporânea, com variados gêneros literários, tendo a mulher como protagonista ou assuntos relacionados a ela; não ficção/teoria, apresentando estudos, pesquisas e ensaios “sob a perspectiva das mulheres/feminista”, conforme assevera a própria Cecília em entrevista supracitada; resgate de obras de autoras do século XIX e início do século XX por meio de estudos e notas de pesquisadoras contemporâneas.

Recentemente, a editora lançou seu primeiro selo infantil intitulado Lunitas, declaradamente feminista. Na concepção desse selo, Cecília relata que a intenção é a de publicar livros com uma perspectiva positiva do feminino para crianças, a partir de concepções afetivas, ecofeministas, de diversidade – e aceitação dela –, e de valorização

das diferenças. Assim, o selo Lunitas foi criado com a intenção de trazer literatura para as crianças com temáticas “sob a perspectiva da empatia, do cuidado, do amor, da responsabilidade, do afeto; da valorização das emoções e de todos os sentires, da vida de todos os seres da natureza (humanos e não humanos), sob uma perspectiva matrística e ecofeminista”.

A Luas é uma editora independente que só trabalha com mulheres, as quais têm certa autonomia para participarem de e executarem projetos. Cecília e Daniella são as pessoas que estão à frente de grande parte das funções exercidas. A última é responsável pelos trâmites administrativos, financeiros e comerciais, além de auxiliar a irmã na criação de postagens para as redes sociais. Cecília se encarrega do processo de curadoria do catálogo, de coordenar a produção editorial, preparar e revisar os textos, contatar profissionais e autoras, orçamentos, marketing, busca por editais e divulgações. Além disso, os projetos produzidos pela editora necessitam de profissionais diferentes e, por isso, em cada um deles é formada uma equipe, que fará o projeto gráfico, a tradução, a diagramação, a capa e as ilustrações.

A atuação da Luas é um forte exemplo de projeto editorial feminista, como a própria fundadora define:

É um projeto totalmente construído, mantido, desejado, inventado, executado por e para mulheres, sob a perspectiva nossa, com todo histórico de aprendizagens e experiências, vicissitudes desse corpo “feminino” vivido nesta nossa sociedade capitalista-patriarcal-machista-racista-misógina. Um projeto voltado para o encontro e a expressão das mulheres – com seus diversos modos e temas, dificuldades e desafios, desconstruções de paradigmas branco-hétero-burguês, que sempre nos excluiu dos lugares de pensamento e expressão político e social. Ou seja, um projeto editorial feminista é também um projeto político, um projeto de transformação pessoal e coletiva (CASTRO, 2021).

A atuação da Editora Luas se torna também significativo pelo seu projeto de resgate de autoras. Com a criação da coleção Precursoras, a editora recupera obras de autoras do século XIX e início do século XX que não receberam o devido valor e foram ignoradas, esquecidas e *subnarradas*³⁷ no mercado editorial, mas que são relevantes para a história da mulher chegar onde está hoje. O primeiro livro da coleção, *Ensaio: Direitos das mulheres e injustiça dos homens, de 1832; A Mulher, de 1859*³⁸, traz dois ensaios de Nísia Floresta Brasileira Augusta, considerada a primeira escritora feminista do Brasil, com notas e texto crítico da professora Constância Lima Duarte, referência

nos estudos de Nísia Floresta. Vale destacar, ainda, que *A Mulher* era até então inédito no Brasil.

Destaque-se, ainda, o mais recente lançamento da editora, publicado pela primeira vez no Brasil: *Ecofeminismo*, de autoria da escritora alemã Maria Mies, feminista marxista, e da líder e pensadora ambientalista indiana Vandana Shiva. Escrito em 1993, a edição conta com prefácio da ecofeminista australiana Ariel Salleh e de Keli Mafort, membro da coordenação do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra). Trata-se de tradução há muito aguardada no Brasil, o que dá mostras da vitalidade dessa jovem casa editorial.

QUINTAL EDIÇÕES

Carol Magalhães nasceu e cresceu em Belo Horizonte, onde fundou sua editora, a Quintal Edições. Em meio a dúvidas a respeito de sua carreira profissional, formou-se em Produção Editorial - Comunicação Social, pela Faculdade Promove, e em Letras, pela Universidade Federal de Minas Gerais; sua participação no mercado editorial ocorre há mais ou menos 19 anos, passando por várias editoras durante este tempo, como pela editora Autêntica, sediada em Belo Horizonte. Lá pôde aprender muito sobre os processos editoriais e a colocá-los em prática, tendo a oportunidade de subir do cargo de estagiária para contratada, trabalhando na editora por muitos anos. Posteriormente atuou em outras grandes editoras, e a última de que fez parte – considerada de grande porte – pertence à área educacional, proporcionando a ela grande experiência de gestão por meio de cargos gerenciais ocupados na empresa.

Fundada em 2015, a Quintal Edições nasceu com o objetivo de dar espaço para novas escritoras encontrarem seu lugar como autoras em um mercado editorial ainda restrito, sendo então uma editora que publica somente obras de autoria feminina e que também só trabalha com mulheres em todas as etapas de produção. No início, Carol realizava sozinha as atividades da editora; hoje obtém ajuda de estagiárias e terceiriza serviços de design e assessoria de imprensa. Seus livros são produzidos com tiragens pequenas, sem custos para as autoras e com “respaldo editorial, proporcionando uma edição bem cuidada, com atenção à revisão, diagramação, impressão, divulgação e venda.”

As linhas editoriais da Quintal consistem na publicação de textos literários como romances, poesias, crônicas e contos, expandindo também aos “textos acadêmicos, de pesquisa ou de outras fontes, com viés artístico e cultural.” E, apesar do foco da editora ser somente publicar autoras, os livros não são exclusivamente de conteúdos relacionados ao feminismo.

Atualmente a Quintal possui 38 obras publicadas. Em 28 de janeiro de 2020, a editora sofreu grandes prejuízos por causa da chuva. A casa de Carol foi alagada com a água que entrou pelo quintal, deixando o estoque e muitos equipamentos como computador, arquivo de *backup* e outros materiais de trabalho debaixo da lama que se formou. Sobraram poucos exemplares de seus livros e houve perda de pertences pessoais. Felizmente os trabalhos na editora retornaram após um período com o auxílio de um *crowdfunding* na plataforma Catarse, onde pôde receber ajuda de muitas pessoas por financiamento coletivo.

A campanha tinha como meta alcançar 20 mil reais em doações, sendo finalizada e bem-sucedida no fim de março do mesmo ano, arrecadando cerca de 18.300 reais. O apoio de outras editoras, leitores e quem mais se solidarizou com a causa trouxe um final próspero após a tragédia. Foram muitas as pessoas que ajudaram, e não só financeiramente, mas também auxiliando na limpeza do local atingido, mobilizando-se na divulgação da campanha e oferecendo livros para recompensas na Catarse.

Como editora independente, a Quintal depende diretamente da venda de seus livros. O processo de curadoria e seleção das obras é realizado majoritariamente por ela, mas faz uso da ajuda de estagiárias na triagem inicial; para alguns projetos específicos, conselhos editoriais são convocados a fim de auxiliar na curadoria. Muitas propostas são recebidas para análise e constituição de seu catálogo, e algumas escolhas também são feitas em decorrência de pesquisas sobre assuntos interessantes discutidos nas redes sociais e possíveis novas autoras que se destacam, levando Carol a fazer convites de publicação por meio de sua editora.

No que se refere à parte comercial da editora, a venda e a distribuição das obras da Quintal ocorre majoritariamente em seu próprio site – em torno de 90%. No entanto, algumas livrarias são parceiras da editora ao fazerem parte da venda de alguns títulos específicos, de forma consignada ou por venda direta, sendo muitos deles solicitados

por essas livrarias para serem adicionados a suas prateleiras. A Dita Livros é um importante exemplo de editora/livraria on-line que distribui livros da Quintal. Isso porque suas escolhas editoriais são exclusivamente voltadas para a valorização de livros de autoras independentes e pequenas editoras.⁶⁰ Além das livrarias, algumas obras também são distribuídas por diversos *marketplaces*.

A Quintal integra a participação em feiras literárias como a Primavera Literária, que acontece em Belo Horizonte desde 2015. A participação ocorre também em outras feiras como a Míolos, a Feira de Livros Rita Lobato, Feira Textura e muitas outras, seja de forma presencial ou remota. Esses eventos são de grande importância para a promoção de pequenas editoras e para o incentivo à leitura de autores de diferentes regiões e vozes, proporcionando uma maior circulação de ideias, temas e divulgação de novos autores. São lugares de trocas, conversas e vendas dos livros, onde os autores e editoras podem criar conexões com os leitores e expandir o *networking*.

MACABEA EDIÇÕES

Bianca Garcia e Thayssa Martins, editoras e fundadoras da Macabéa Edições, conheceram-se na graduação em Letras, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (RJ), e se juntaram no ano de 2016 para atuarem no enaltecimento da produção artística feminina. No ambiente acadêmico, perceberam que não se falava e discutia de maneira significativa a respeito de escritoras – principalmente negras. Posteriormente, as duas trabalharam como editoras no grupo editorial Multifoco, do Rio de Janeiro, e iniciaram pesquisas sobre o apagamento das mulheres no círculo literário e nos espaços políticos.

Em 2019, após outros projetos em comum, embriões da editora, fundaram a Macabéa, com a intenção de publicar obras de mulheres. A Macabéa Edições busca reivindicar o reconhecimento e a atuação das mulheres na literatura e na pesquisa, a partir de uma linha editorial voltada para “trabalhos de ficção e não ficção, em todos os gêneros textuais, que tragam uma expressão da mulheridade, por meio de protagonismo, vivência ou ponto de vista”.

A editora, que até a data da finalização desta pesquisa possui 10 obras publicadas, em forma impressa e de e-book, realiza edições de teoria, poesia, romance, contos e crônicas. A composição de profissionais que trabalham nessa casa editorial consiste em apenas mulheres. Bianca é diretora editorial e de projetos de poesia, realiza as curadorias do blog da editora, é responsável pela produção de peças publicitárias, administração das mídias sociais da Macabéa, despacho e estoque dos livros.

Já Thayssa, além de também fazer parte da diretoria editorial, é editora dos projetos de prosa, e também responsável pelo inventário, pelo financeiro, pelas negociações nacionais e internacionais, por elaborar termos, aditamentos, contratos e realizar mediações com livrarias e distribuidoras. Contam também com a ajuda das designers Carolina Silva e Gabriel Mendes nas produções das capas, dos projetos gráficos e peças publicitárias. Recentemente, a poeta e editora da revista *Toró*, Priscila Branco, passou integrar o corpo editorial da editora em 2021, participando da edição de livros no prelo. Do início da editora em 2019 até o ano de 2020, a diretoria da Macabéa foi compartilhada com Viviane Marques, responsável pela edição de livros de teoria e por algumas outras funções distribuídas posteriormente entre Bianca e Thayssa.

O catálogo da editora é então pensado em torno das questões de gênero, não somente a respeito da autoria em si, “mas também ao conteúdo da obra, que deve ser marcado pelo protagonismo, vivência ou ponto de vista feminino” (GARCIA, 2021). A curadoria de cada obra é realizada a partir do recebimento de originais por e-mail, que são avaliados pelo conselho editorial com uma leitura dinâmica, analisando se a abordagem dos temas é feita com “cuidado e responsabilidade” (GARCIA, 2021), a fim de entender se são pertinentes para fazerem parte do catálogo. Se o material for aprovado, o contato com a autora que o escreveu é realizado, envia-se o contrato e avançam com os processos de edição e publicação posterior da obra. Cada projeto recebe inteira dedicação, pois a edição de livros é encarada, segundo as fundadoras da Macabéa em entrevista para a *Revista Desvario*, como

uma ferramenta de intervenção no mundo, e essa intervenção tem como objetivo imprimir as perspectivas das mulheres, desde a concepção da proposta até as profissionais envolvidas no trabalho com o texto, no projeto gráfico, na catalogação, enfim, quando pronto, esse livro é o resultado do trabalho de muitas de nós e isso é muito gratificante (CARVALHO, 2020).

A editora procura viabilizar os custos editoriais para as autoras, o que é muito relevante para aquelas que não teriam condições financeiras de publicar por outras editoras ou até mesmo por conta própria. “É sobre democratizar o acesso à publicação”, diz Bianca (2021), fazendo então a diferença ao criar espaços de expressão para essas mulheres. As integrantes da Macabéa entendem que é importante ter um “diálogo muito próximo com as autoras, o que sempre é enriquecedor – relações profissionais e afetivas entre mulheres são revolucionárias” (MARTINS, 2021).

Acerca dos processos de edição, os livros não são produzidos rapidamente; há a preocupação com o fato de o projeto gráfico estar de acordo com o texto, e com o fato de a obra ser bem trabalhada em um diálogo constante e direto com as escritoras, ainda que sem interferir no processo de criação e autonomia de cada autora, a fim de alcançarem o melhor produto final. Vale lembrar que, em decorrência do pouco capital financeiro e por precisarem realizar trabalhos por fora para se sustentarem, as editoras optam por planejar mais as etapas.

A distribuição e venda ocorre, em sua maioria, pelo site da editora, e ainda por e-mail ou redes sociais – mesmo mecanismo usado pelas demais editoras investigadas neste trabalho. Alguns dos e-books são vendidos a preços bastante acessíveis – prática denominada “contribuição consciente” –, com variações de valor de acordo com o desejo e possibilidade do leitor (5 a 30 reais). Há também a parceria com livrarias e distribuidoras independentes como a Do Arco da Velha, a Canto Geral, a Mar de Livros e a Ibi Litterrário – plataforma literária do Brasil e Portugal “que tem como objetivo fazer circular obras literárias produzidas por escritores independentes, de forma totalmente independente”.

Como se observa a partir das casas editoriais investigadas neste artigo, há, no Brasil, um quadro bastante multifacetado no que se refere à proliferação de projetos editoriais feministas. Seja como for, todos contribuem para a chamada bibliodiversidade e, de alguma forma, coadunam-se com o que Simó-Comas (2019) denomina “práxis feminista”, a saber, editoras que, por meio de seu catálogo e de seu *modus operandi*, fortalecem a atuação e o campo de trabalho das mulheres, sem necessariamente se autodeclararem feministas. Mais do que o rótulo, é a prática de divulgação de obras escritas por mulheres, em diversas áreas do conhecimento, o que confere notoriedade a

tais iniciativas, ainda necessárias em uma sociedade que invisibiliza fortemente o público feminino.

Referências

Biroli, Flávia, O público e o privado, In: Miguel, Luis Felipe y BIROLI, Flávia, *Feminismo e política: uma introdução*, São Paulo, Boitempo Editorial, 2014.

Bourdieu, Pierre, *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*, Porto Alegre, Editora Zouk, 2001.

Dalcastagnè, Regina, *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

Kilomba, Grada, *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

Lugones, María, Rumo a um feminismo decolonial, In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*, Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019, p. 357-377.

Muniz Júnior, José de Souza, *Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)*, Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Nascimento, Tatiana, Entrevista, In: Lemes, Ana Emília, *Editoras lésbicas brasileiras: algumas iniciativas no mercado editorial*, Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Faculdade de Letras, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

Noël, Sophie, *La edición independiente crítica: compromisos políticos e intelectuales*, Villa María, Eduvim, 2018.

Polesso, Natália Borges, Geografias lésbicas: literatura e gênero, *Criação e Crítica*, n. 20, p. 3-19. Dossiê Sáfico, 2018.

Ribeiro, Ana Elisa y Karam, Sérgio. Editora Mulheres, Zahidé Muzart e um caso relevante de edição de livros no Brasil, *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-18, jan. mar. 2020.

Thompson, John B, *Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI*, São Paulo, Ed. Unesp, 2013.